

FESTAS DE FAMÍLIAS ITALIANAS (1946-1976)

Leonardo de Oliveira Conedera*

Resumo: A presente comunicação visa destacar as festividades e comemorações familiares de imigrantes italianos provenientes do Sul da Itália que se radicaram nos anos do pós-Segunda Guerra Mundial no Brasil. Através das narrativas dos imigrantes calabreses, que se radicaram em Porto Alegre (no Rio Grande do Sul) e em Niterói (no Rio de Janeiro), pretende-se analisar as festas de família e as relações sociais nestes espaços onde transcorria a sociabilidade entre os imigrantes.

Palavras-chave: Imigração italiana, festa, sociabilidade.

Introdução

Neste artigo pretende-se tratar sobre as festas de imigrantes italianos provenientes da Itália meridional que se instalaram nos Estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul após o final da Segunda Guerra Mundial (1946-1976). A partir das narrativas procura-se analisar e apresentar as particularidades que os imigrantes compartilhavam em seus encontros familiares e outros eventos da comunidade.

Imigração italiana no Brasil

A imigração italiana apresentou visibilidade significativa, visto que se consolidou como a segunda corrente migratória para o Brasil, especialmente nos Estados do Sudeste e Sul do Brasil. Nas pesquisas sobre o fenômeno, ocorrido no “período áureo” da imigração¹ e nas

* Doutorando de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Bolsista do CNPQ.

¹ Diégues Júnior chama de “período áureo” da imigração no país os anos compreendidos entre 1888 e 1914. Nesse espaço de tempo, o Brasil recebeu, aproximadamente, 2.594.720 imigrantes. (DIÉGUES JUNIOR, 1964. p. 64).

décadas subsequentes, percebe-se a escassez de pesquisas que manifestem enfoque sobre a presença de peninsulares, no período do pós-Segunda Guerra Mundial, no país (CONEDERA, 2012, p.65).

Após o final do conflito mundial, a via diplomática dificultou a imigração, como no caso das pendências ocorridas durante a guerra. A legislação e os órgãos brasileiros também não auxiliaram, positivamente, para o ingresso de estrangeiros (CERVO, 1992, p.196). Manuel Diégues Júnior assinala que:

A política migratória do Brasil não foi das mais felizes, nem das mais razoáveis, reservando todos os princípios restricionistas que, a partir de 1930, começaram a marcar a entrada dos imigrantes no país. (...) Em nenhum ano, entre o término da Guerra e 1958, se alcançou um total de 100 mil imigrantes; o máximo atingido foi de pouco mais de 88 mil. É certo que tem predominado, em nossas estatísticas de imigração, a condição de “espontâneos” dos imigrantes. A entrada de imigrantes dirigidos anda, relativamente, pela casa dos 15%, considerando todo o período de 1946-1958 (1964, p.307)

Apesar da escassez de incentivo para a entrada de novos estrangeiros no território nacional, em 1949, a Companhia Brasileira de Colonização e Imigração italiana foi criada através de um convênio, a fim de direcionar o fluxo de imigrantes. A Companhia iniciou a criação de um centro modelo de colonização. A saber, a ideia do empreendimento era de transportar imigrantes para zonas inexploradas para se dedicarem ao setor agrícola (CENNI, 1975, p.401). A Companhia desenvolveu doze projetos importantes, todavia a maioria deles foi mal sucedido (CERVO, 1992, p.196-197).

É importante apontar que o Acordo Emigratório de 1950 entre Itália e Brasil pretendia duas modalidades de emigração: individual (baseada em atos de chamada e ofertas de trabalho), através de grupos e cooperativas (sobretudo de colonização agrícola), e subvencionada. O tratado firmado antevia que o Brasil viabilizaria regularmente pedidos de mão de obra qualificada (técnica majoritariamente) para diversas área de produção (TRENTO, 1989, p.412).

Esse Acordo foi muito ventilado no parlamento italiano, pois os imigrantes (com qualificação profissional) seriam destinados para

colônias agrícolas em áreas isoladas e inexploradas. Apesar das reivindicações de alguns deputados, o parlamento aprovou o Acordo entre os dois governos em 1951 (DE CLEMENTI, 2010, p.52).

Deve-se observar que alguns imigrantes que se fixaram em Porto Alegre no pós-guerra não vinham somente através do chamado de parentes e amigos. Algumas empresas, cujos proprietários eram italianos, pode-se destacar o caso das Massas Adria, que se responsabilizavam pela estadia e pela oferta de serviço (ZAMBERLAM, 2010, p.62).

O órgão do governo brasileiro responsável pela imigração era o Conselho de Imigração e Colonização (CIC)². Dentre os requisitos do CIC, o imigrante necessitaria gozar de boa saúde física e mental. Logo, a maioria dos estrangeiros necessitou passar por seleções médicas. Os indivíduos passavam pelos exames em seu próprio país e precisavam da liberação médica para embarcar (FACCHINETTI, 2004, p.78).

Outra premissa estabelecida pelo governo italiano era o “atestado de boa conduta”, isto é, o emigrado não poderia ser comunista. Os órgãos de imigração italianos faziam uma seleção ideológica. Inúmeros peninsulares precisavam ter o visto do padre afirmando que o indivíduo era um “bom cristão”. A polícia italiana concedia o passaporte ao requerente somente após receber a garantia do padre. As autoridades brasileiras também tinham o cuidado de restringir a entrada de pessoas de ideologia socialista ou comunista (FACCHINETTI, 2004, p.80).

O CIME foi órgão importante na cooperação para a imigração individual e dirigida. Os deslocamentos dirigidos eram guiados principalmente para núcleos rurais. No entanto, o órgão enfrentou diversas dificuldades para constituir uma imigração agrícola assalariada, já que o Brasil não apresentava uma estrutura adequada. O CIME promoveu a transferência de operários e técnicos industriais, no âmbito do plano MOPC (Mão de Obra Pré-Colocada). Portanto, o governo brasileiro repassava, periodicamente, listas de profissões e ofícios para os

² O Conselho de Imigração e Colonização (CIC), órgão federal, subordinado ao Ministério da Agricultura, e também ao departamento de Colonização e Terra. FACCHINETTI, 2004, p. 78).

quais havia necessidade (TRENTO, 1989, p.416). Angelo Trento aponta que:

O CIME cuidava, na Itália, da seleção técnica, controlando se a qualificação dos aspirantes correspondia a uma das profissões requisitadas. Chegava-se, assim, à compilação de uma lista, em cujo âmbito as empresas de além-mar podiam escolher os nomes que pareciam mais adequados às suas necessidades, mediante pagamento de uma pequena soma reembolsável, se, após um período de experiência de sessenta dias, o operário não tivesse proporcionado resultados satisfatórios (1989, p.416).

Entre 1952 a 1958, o CIME favoreceu o ingresso de 72.277 imigrantes no Brasil: 48.269 italianos, 5.435 gregos, 4.791 espanhóis, 3.299 alemães, 2.936 austríacos, 1.548 holandeses e 5.999 de outras nacionalidades. Nesse período, o mesmo órgão também favoreceu o fluxo de 855.000 indivíduos (CENNI, 1975, p.409). A maioria dos imigrantes que desembarcaram no país eram agricultores. Contudo, 15,7% dos indivíduos eram técnicos qualificados. O grupo italiano contribuiu com o maior contingente de operários qualificados (DIÉGUES JUNIOR, 1964, p.303-308). Trento lembra que

A incerteza do pós-guerra e o difícil momento de reconversão – e, também, depois, da reconstrução – levavam muitos jovens, e não tão jovens, com um diploma no bolso a buscar melhor sorte no estrangeiro. No Brasil, eles chegavam através de “atos de chamada” e contratos fictícios, ou, simplesmente, passando através das malhas da seleção na Itália, escondendo seus diplomas e declarando aptidões e profissões que não tinham. Uma vez chegados, conseguiam se arranjar até encontrar ocupações e empregos, consoantes, com a sua preparação. (1989, p.442-443)

Logo, não era incomum, os peninsulares enfrentarem provações nos primeiros tempos na pátria de adoção. Principalmente, imigrantes que não contavam com a solidariedade de conterrâneos passavam por adversidades.

Mesmo assim é importante informar que nos Censos das décadas de 40 e 50, os italianos constituíam o grupo com o maior número de estrangeiros residentes na sociedade brasileira. A maior parte dos

italianos residia nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (ZAMBERLAM, 2004, p.59).

Imigração italiana no Rio de Janeiro

A presença de peninsulares no Rio de Janeiro já se demonstrava substancial no princípio no do século XIX. Dentre as décadas de 20 e 40, a capital do império abrigou diversos carbonários que tiveram de se exilar da Península. A exemplo, de Garibaldi e tantos outros exilados que alimentavam o desejo de promover a Unificação italiana (TRENTO, 1989, p.40).

O crescimento da mobilidade de italianos no Rio de Janeiro aconteceu a partir da chegada da princesa napolitana, Teresa Cristina. No entanto, em termos quantitativos a imigração peninsular tornou-se significativa no princípio do século passado. Em 1906, na capital carioca, os italianos somavam 25.557 correspondendo 12,14% dos imigrantes residentes na capital federal (CARMO, 2012, p.106).

No período da Grande emigração na Itália, diversos imigrantes originários, especialmente, da Calábria, Campania e Veneto ingressaram no território fluminense e carioca (CAPPELLI, 2013, p.26).

No Estado do Rio de Janeiro, os imigrantes peninsulares não se fixaram somente na capital como também nas cidades do interior. Niterói, Petrópolis, Valença dentre outras que mais receberam italianos desde a segunda metade do século XIX (VANNI, 2000, p.95). O fluxo migratório para âmbito urbano possuía um caráter espontâneo. Vittorio Cappelli aponta que:

O principal catalizador dessa imigração é ainda um resquício do próspero ciclo econômico do café fluminense, que se combinam com as indústrias têxteis e o desenvolvimento de núcleos urbanos, de Niterói, de Petrópolis, de Nova Friburgo até a mais distante Valença (CAPPELLI, 2013, p.27).

A maioria dos peninsulares que se radicaram em Niterói era proveniente do Mezzogiorno³, especialmente da Calábria, que nos anos do pós-guerra enfrentava adversidades nos campos e apresentava um horizonte de poucas perspectivas de trabalho. Então, nos anos do pós-guerra, mais uma vez muitos calabreses buscaram ativar a antiga rede de solidariedade. Os imigrantes vinham principalmente dos *paesi*⁴ de Fuscaldo e Paola, localizados na província de Cosenza, como também alguns de Sacco, situados na província de Salerno (VANNI, 2000, p.102).

Niterói foi a cidade que mais acolheu imigrantes italianos dentre os municípios do interior do Estado do Rio de Janeiro. A proximidade com a capital nacional, bem como a existência da hospedaria da Ilha das Flores auxiliaram para que diversos estrangeiros instalassem na cidade fluminense (VANNI, 2000, p.99).

Empreendedores italianos como Giuseppe Scarsi e Vittorio Migliora que se estabeleceram em Niterói no final do oitocentos. Os dois peninsulares fundaram a fábrica de fósforos Fiat Lux onde estes empregaram diversos patrícios. Além disso, e provavelmente, a partir de 1893, Vittorio Migliora tornou-se agente consular na cidade fluminense, favoreceu a vinda de conterrâneos para o município (VANNI, 2000, p.99-100).

Os imigrantes expandiram-se por diversos setores profissionais da sociedade niteroiense desde o final do século XIX. Os italianos competiam com portugueses em diversos segmentos como o da construção civil, indústria, no porto e no comércio com o grande número de portugueses que se destacam com uma presença substancial em todo Estado do Rio de Janeiro (VANNI, 2000, p.99).

A arquitetura de várias edificações de Niterói reflete também a influência italiana. O arquiteto italiano, Pietro Campofiorito, desenvolveu vários projetos como as construções entorno a praça da República (como o Arquivo Estadual) (VANNI, 2000, p.101).

³ Italianos oriundos do Sul da Itália.

⁴ Pequena cidade na Itália.

O contexto do pós-guerra era de grande fluxo migratório, sendo a América do Sul uma meta preferencial para muitos, uma vez que os Estados Unidos estavam restringindo a entrada de novos imigrantes. Vale recordar que até 1948, inclusive, o Brasil teve posição chave, visto que a Argentina, só, posteriormente, a ascensão de Péron, em 1946, uma nova política começou a vigorar, favorecendo a entrada de novas levas migratórias (GOMES, 1999b, p.20).

Imigração italiana no Rio Grande do Sul

Desde a segunda metade do século XIX, a capital do Rio Grande do Sul era uma cidade em transformação. Nos âmbitos, comercial e industrial, visualizar-se modificações significativas, cuja influência advinha, principalmente, das influências exercidas por imigrantes alemães e italianos, instalados Estado no desenrolar do oitocentos. Diégues Jr. observa que:

Nas Capitais, de modo geral, o imigrante foi introdutor de novos hábitos e de costumes novos, que, em grande parte, vieram modificar a estrutura luso-brasileira, baseada quase sempre em hábitos e costumes sob certos aspectos rurais, tendo em vista a transferência de populações desses meios para os novos núcleos urbanos (1964, p.245).

Em meio às transformações urbanas implementadas em Porto Alegre, entre o final do oitocentos e as duas primeiras décadas do novecentos, vislumbram-se também aumentos populacionais substanciais. O censo de 1872 registrava o número de 35 mil habitantes. Já em 1890, seriam 52 mil, e, em 1916, haveria 179 mil almas. A saber, o número de habitantes de 1872 até 1916 quintuplicou. Os imigrantes foram elementos vitais para a quantificação do número de residentes no período (BORGES, 1993, p.27).

O álbum do *Cinquentenario* da imigração italiana, de 1925, aponta que já anteriormente a 1870 havia uma presença de famílias italianas nos principais centros urbanos do estado, sobretudo, na capital (CINQUANTENARIO, 2000, p.361). Os italianos, entre 1850, em Porto Alegre – que assinalavam uma presença rarefeita e de pouco destaque, apesar de executarem atividades artísticas e comerciais (CONSTANTINO, 2007, p. 40).

Em 1875, foram criadas as primeiras colônias ocupadas por peninsulares, Conde D’Eu e Dona Isabel no Estado do Rio Grande do Sul. Luiz Alberto De Boni e Rovílio Costa assinalam que no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, adentraram de 80 a 100 mil italianos que formavam, logo, o maior contingente de estrangeiros a entrar no Estado.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a capital do Rio Grande do Sul principiou a transição para a moderna metrópole. O crescimento demográfico entre as décadas de 1940 a 1950 foi de 45 %, isto é, neste ínterim, a população aumentou de 272.000 para 394.000 habitantes (CONEDERA, 2012, p.74).

A maioria dos italianos que se radicaram em Porto Alegre desde o último quartel do oitocentos era proveniente da Itália meridional (CONSTANTINO, 2008, p.12).

A imigração peninsular caracteriza-se por ser espontânea e era realizada, na maior parte vezes, pelos próprios italianos que já moravam no Brasil. O motor das emigrações em diversos contextos é motivado pela própria emigração. Franco Ramella aponta que “a ativação por parte dos indivíduos e das famílias como elos mais ou menos selecionados pelas redes sociais que são a parte reguladora do movimento, o organiza, o canaliza para certas direções e não a outras” (2002, p.143).

Os meridionais residentes na capital gaúcha compartilham uma série de relações, isto é, cada imigrante representa um elemento importante na rede social⁵ estabelecida entre ele e seus compatriotas que vivem na cidade. As redes sociais são alicerçadas pelas relações de solidariedade e confiança. Normalmente, a família é a base da rede de solidariedade, já que ela representa o grupo social do sujeito (LOMNITZ, 2010, p.20).

⁵ Rede social é um campo de relações entre indivíduos que pode ser definido por uma variável predeterminada e se referir a qualquer aspecto de uma relação. Uma rede social não é um grupo bem definido e limitado, senão uma abstração que se usa para facilitar a descrição de um conjunto de relações em um espaço social dado. Cada pessoa é o centro de uma rede de solidariedade e, ao mesmo tempo, é parte de outras redes. (LOMNITZ, 2009, p. 18).

A imigração em cadeia⁶ através das redes de solidariedade não é uma característica isolada da coletividade italiana de Porto Alegre. Nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro verifica-se a mobilidade incentivada por peninsulares que se deslocaram anteriormente à Segunda Guerra, ou mesmo pelos indivíduos que vieram nas primeiras levas do pós-guerra⁷.

É importante destacar que os imigrantes, que vieram para Porto Alegre no pós-guerra, não chegavam somente através do chamado de parentes e amigos. Algumas empresas de empresários italianos, como a Fundação Massas Adria, responsabilizavam-se pela vinda, estadia e pela oferta de serviço para os emigrados e suas famílias (ZAMBERLAM, 2010, p.18).

Entretanto, o ingresso de italianos no pós-guerra, deve-se à existência de concidadãos residindo na capital gaúcha. Durante o período do Entre Guerras (1919-1938), a imigração persistiu no país, mas com um fluxo muito reduzidos em relação aos registrados antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial.

No Rio Grande do Sul havia 24.549 e 15.003 peninsulares, respectivamente, segundo os registros dos Censos de 1940 e de 1950. Os dados colocavam os italianos como o maior contingente de imigrantes presentes no Estado. Nos Censos seguintes, os italianos mantiveram cifras significativas na comparação com outros estrangeiros; contudo, acabaram superados pelas levas de uruguaios e alemães⁸.

Os peninsulares, na segunda metade do século passado, prosseguiram tendo, em Porto Alegre, um caráter empreendedor

⁶ A imigração em Cadeia é uma dinâmica atribuída por vários pesquisadores quando estes identificam um grupo que se desloca de um determinada localidade para outra com levas e um fluxo substancial de indivíduos.

⁷ Ver as obras de FACHINETTI e GOMES. FACHINETTI, Luciana. *Parla! O imigrante italiano do segundo pós-guerra e seus relatos*. São Paulo: Angellara, 2004; GOMES, Angela de Castro (Org.). *História de família: entre Itália e Brasil*. Rio de Janeiro: Muiraquitã, 1999.

⁸ IBGE. Censos demográficos de 1940, 1950, 1960, 1970 e 1980.

comercial. Grande parte dos imigrantes queria possuir seu próprio negócio. Então, os peninsulares abriram suas oficinas (marcenaria, mecânicas), casas lotéricas, açougues, fruteiras, mercearias, lojas, entre outros empreendimentos visando o comércio de varejo.

Imigrantes e narrativas

O presente artigo valoriza a narração de imigrantes italianos oriundos da Calábria⁹, que compartilharam seu tempo e disposição para dialogarem sobre suas trajetórias desde a Itália até os anos vividos nas cidades de Niterói e Porto Alegre. Constantino aponta:

Preciso ver muitos rostos e ouvir muitas vozes, quando estudo imigração. Muitos rostos além daqueles que deram certo e cujos retratos estão emoldurados nas fábricas, nos bancos, nas grandes casas comerciais. Também preciso olhar para além dos rostos daqueles infelizes que não deram certo e cujas fotografias estão estampadas nas páginas policiais. Opressores e oprimidos não esgotam o assunto. Preciso ver e ouvir muito para reconstruir, com todas as deficiências que uma reconstrução supõe, o complexo e multifacetado fenômeno da imigração. São as vozes que me devolvem os rostos de pessoas comuns (2006, p.69).

A autora refere que os relatos dos emigrados ajudam o historiador, pesquisador da imigração, a entender e reconstruir historicamente os complexos fenômenos da mobilidade humana.

Para muitos imigrantes italianos a casa era o lugar de trabalho, como também o da família e das festas para diversos peninsulares. Os entrevistados relatam sobre os almoços saborosos onde apreciavam o sabor da *pasta* de seu país natal que comiam aos domingos. Além disso, O domingo era dia de agrupar parentes e amigos em casa e beber vinho.

⁹ Desde a segunda metade do século XIX, evidenciava-se a imigração de meridionais provenientes especialmente de uma parte do Apenino meridional (zona que compreende, atualmente, parte da Campania, Calábria e Basilicata) (CAPPELLI, 2006, p.10).

O Natal era a grande festa¹⁰, da mesma maneira que os aniversários, a festa de São Francisco de Paola, em maio e de Nossa Senhora dos Anjos, em agosto (GOMESb, 1999a, p.16).

Os moraneses de Porto Alegre, assim como seus compatriotas de Niterói, possuíam suas festas. Em julho, os imigrantes e seus descendentes (por vezes amigos brasileiros) festejam a *Madonna del Carmine* desde os anos 50. O Centro Calabrês¹¹ foi outro espaço criado pelo grupo de calabreses para cultivar as amizades, bem como manter e dialogar sobre os aspectos culturais de sua região de origem .

Em muitos eventos festivos, música italiana e a dança da tarantela. Então, cantava-se e se escutava música italiana nas residências, mas geralmente a língua usada era o dialeto do *paese* de origem (GOMESa, 1999, p.18). Outra comemoração comum para as famílias italianas era o desembarque no Brasil de mais um familiar. A Senhora Dalva Di Martino – que nasceu em Morano Calabro (província de Cosenza) e imigrou em 1950 – narra que:

Chegamos setembro, no porto aqui de Porto Alegre. Um dia era lindíssimo, ensolarado. E todos aqueles... Parentes do meu pai, e parte da minha mãe, que a minha mãe tinha umas irmãs aqui, Gente, para mim, me deu uma forte emoção, grandíssima, ao ver meu pai, Porque o meu tio, esse tio Rocco, nos recebeu. A esposa fez um almoço muito bonito e quase a toda a parentela da parte da minha mãe foram todos na casa dela.

Como comentado pela depoente, o momento da chegada era um evento particular e marcante para inúmeros italianos, visto que a família

¹⁰ Vale salientar um ditado popular italiano: *Natale con tuoi, e la Pasqua con qui vuoi* (Natal com a família, e a páscoa com quem quiser). Este ditado reforça e demonstra a importância do Natal como uma data importante para a reunião da família.

¹¹ O centro Calabrês foi criado na década de 1980. Atualmente, a instituição localiza-se no bairro Santana de Porto Alegre. Nos últimos anos, a sociedade organiza chás para as senhoras do grupo e jantares nos dias 29 de cada mês oferecendo *gnocchi* no cardápio.

tinha o hábito de acolhe-los e integrá-los na nova cidade e aos membros da família residentes no exterior a muitos anos.

Após chegar ao Brasil, no Rio Grande do Sul ou no Rio de Janeiro, os imigrantes peninsulares contavam com solidariedade da família e da comunidade de seus patrícios. Eles, em geral, tinham onde morar. Muitos dividiam a casa de parentes já radicados. Em muitos casos, esta situação era temporária, mas seu tempo de duração não era previsível e correspondia a uma etapa necessária das famílias recém-chegadas (GOMES, 1999). Desse modo, também em muitas oportunidades, os imigrantes alugavam ou compravam suas residências próximas de seus conacionais.

Muitos imigrantes, que desembarcavam no país, trazendo suas famílias (com esposa e filhos) alugavam uma pequena residência e em várias oportunidades partilhavam a moradia com outra família (GOMESa, 1999, p.). A senhora Filippina Chinelli – que nasceu em Fuscaldo (província de Cosenza) e imigrou em 1948 – menciona que

Pela casa do tio Pascoal¹² passaram muitas pessoas da nossa família: primeiro meu pai, depois meu tio Rafael, que mais tarde voltou para a Itália. Também meu tio Umberto, outro irmão da minha mãe, que acabou ficando no Brasil, e a sua mulher tia Rosa. E, finalmente, uma das irmãs do meu pai. Enfim, todos moraram algum tempo naquela casa. Minha avó e a irmã de minha mãe – tia Annina – também; todos passaram por lá de alguma forma. Nós, por exemplo, ficamos lá por oito anos, de 1953 a 1961. (CHINELLI Apud. GOMESb, 1999 p.117-118).

Como a senhora Chinelli e seus parentes, inúmeras famílias italianas vivenciaram um percurso similar ao relatado pela imigrante. Em Porto Alegre, vários imigrantes e suas famílias narram histórias e experiências semelhantes a da família Chinelli.

As festas e os encontros familiares e da coletividade, onde normalmente persistia ainda uma gastronomia da Calábria, são lugares e

¹² O tio Pascoal, comentado pela depoente, foi o responsável pela vinda da família da imigrante e de outros familiares.

momentos de identificação e reforço de sua identidade do grupo e seus componentes¹³.

Considerações finais

A imigração italiana apresentou características muito semelhantes entre Porto Alegre e Niterói. A saber, a maioria dos peninsulares era originária do Sul da Itália e chegou ao país através do chamado de parentes e amigos já residentes na sociedade de destino. Vale lembrar que nestas duas cidades brasileiras, os calabreses fixaram-se em certos nichos econômicos. O comércio das bancas de Jornal no município fluminense; os açougues e casas lotéricas na capital gaúcha.

Além disso, as festas e os encontros familiares serviam não apenas para a confraternização dos italianos, como também um espaço para reforçar e recordar os costumes e hábitos que as famílias peninsulares realizavam na pátria de origem. As festividades possibilitavam um momento de coesão do grupo que vivenciou a experiência migratória.

Referências

Álbum do Cinquantenario della Colonizzazione Del Rio Grande Del Sud. Porto Alegre, EST, V.1. 2000.

CAPPELLI, Vittorio. A propósito de imigração e urbanização: correntes imigratórias da Itália meridional às “outras Américas”. Revista de Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, 2006.

_____. La Belle Époque italiana di Rio d Janeiro: volti e storie dell'emigrazione meridionale nella modernità carioca. Catanzaro: Rubbettino, 2013.

¹³ Sobre este tema ver: CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Italianidade(s): imigrantes no Brasil Meridional. In: CARBONE, Florence & MAESTRI, Mario (Orgs.). *Raízes italianas do RS 1875-1997*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2000a. p. 67-82. 176 p.

CARMO, Maria Izabel Mazini do. Nelle vie delle città – os italianos no Rio de Janeiro (1870-1920). Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

CENNI, Franco. Italianos no Brasil. São Paulo: Martins, EDUSP, 1975. 438 p.

CERVO, Amado Luiz. As relações históricas entre e Brasil e Itália: o papel da diplomacia. Brasília: UNB, 1992. 261 p.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. A imigração italiana no pós-guerra em Porto Alegre: memórias, narrativas, identidades de sicilianos (1946-1976). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Caixas no porão: vozes, imagens, histórias. Porto Alegre: Biblos, 2004a. 238 p.

_____. Imigrantes italianos: partir, transitar, chegar. In: RECKIEGEL, Ana Luiza Setti; AXT, Gunter (Org.). História geral do Rio Grande do Sul. República Velha (1889-1930). Passo Fundo: Méritos, 2007a. V. 3. p. 395-418. 1072 p.

_____. Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes. Revista Estudos Ibero Americanos, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 63-73, 2006.

_____. O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses. Porto Alegre: EST, 2008. 174 p.

DE CLEMENTI, Andreina. Il prezzo della ricostruzione: le emigrazione italiana nel secondo dopoguerra. Bari: Laterza, 2010. 216 p.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacional, 1964. 385 p.

FACCHINETTI, Luciana. Parla! O imigrante italiano do segundo pós-guerra e seus relatos. São Paulo: Angellara, 2004. 220 p.

GOLINI, Antonio; AMATO, Flavia. Uno sguardo a um secolo e mezzo di emigrazione italiana. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). Storia dell'emigrazione italiana: Partenze. Roma: Donzelli, 2002. p. 45-60. 717 p.

GOMES, Angela de Castro. A pequena Itália de Niterói: uma cidade e muitas famílias. Niterói: Trabalho apresentado no XXIII Encontro Anual da ANPOCS, 1999a.

_____. História de família: entre Itália e Brasil. Rio de Janeiro: Muiraquitã, 1999b. 310p.

LOMNITZ, Larissa Adler. Redes sociais, cultura e poder. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

RAMELLA, Franco. Reti sociali, famiglie e strategie migratorie. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). Storia dell'emigrazione italiana: Partenze. Roma: Donzelli, 2002. p. 143-160. 717 p.

SIMMEL, Georg. Sociologia: estudos sobre las formas de socialización. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1986. 292 p.

TRENTO, Angelo. Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989. 574 p.

ZAMBERLAM, Jurandir. O processo migratório no Brasil: e os desafios da mobilidade humana na globalização. Porto Alegre: Pallotti, 2004. 171 p.

_____. et al. 50 anos de serviço com os migrantes: paróquia da Pompéia – Missão Scalabriniana. Porto Alegre: IMPA, 2010. 125 p.

Fontes orais

DI MARTINO, Dalva Cassarà. *Projeto mulheres imigrantes do Mercosul* [jun. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

MORELLI, Conceta Immacolata Mainieri. *Projeto mulheres imigrantes do Mercosul* [jun. 2003]. Entrevistador: André Cardoso Lopes. Porto Alegre.